

## **Anotações sobre Assíntotas**

Por Katia Maciel, 2014

Pensar Assíntotas é ir além da matemática da forma amorosa. A matemática da combinatória entre dois. Quantos cabem em cada um de dois? Um, nenhum, cem mil lembrando Pirandello entre a multiplicação e a loucura. Afinal, cada um de nós é um, nenhum, cem mil. E se nos colocamos em relação com um outro a equação é o infinito.

Entre nós e tramas, Anna nos emaranha, distorce, arranha com o que não pode ser teia nem rede, mas linhas que tangenciam o amor e a morte. História e vazio, projeção e real, trabalho e sucesso, vida e suicídio. Na matemática dos paradoxos, os fragmentos de uma relação. Na aflição de suas variações e combinações, não conseguem resolver a terrível questão - Quem é que você quer que eu seja?

A montagem em suas sequências e repetições acentua a disjunção entre os sujeitos. O casal e a não conversa e a conversa com a entrevistadora que alinha e desalinha seus personagens. Em um jogo de cena, para citar nosso Eduardo Coutinho, Anna apresenta um jogo de invenção que se inicia em uma tela, duas telas, três telas. Dos quartos para a sala de espetáculo, continuando o sonho e o pesadelo, e a solidão de vidas sem respostas. O medo, o prazer e a dor de dias de sono, pressão baixa e tomate.

“Eu sei que vou te amar” do cineasta Arnaldo Jabor, “A invenção de morel” de Bioy Casares, “Um copo de cólera” de Raduam Nassar, “Fragmentos do Discurso Amoroso” de Roland Barthes, filmes e escritos que são referências da escrita de Anna na intensidade com que mistura o pensamento amoroso a uma forma de cinema expandido. Um transcinema que conjuga a lógica do teatro, a arquitetura da instalação e o texto como discurso poético que insiste no escuro do quarto, do filme e da sala de exibição.